

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

JULIA TRIGUEIRO

**CONSTRUINDO IMAGENS, NARRATIVAS E HERÓIS: O DESFECHO DA
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL SOB O OLHAR DA REVISTA O MALHO**

UBERLÂNDIA

2023

JULIA TRIGUEIRO

**CONSTRUINDO IMAGENS, NARRATIVAS E HERÓIS: O DESFECHO DA
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL SOB O OLHAR DA REVISTA O MALHO**

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do Título de graduação em História – Licenciatura e Bacharelado.
Professor: Dr. Newton Dângelo

UBERLÂNDIA

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus avós paternos, que estiveram presentes e prestaram suporte incondicional ao longo de toda a minha trajetória acadêmica. Dedico ao meu avô de consideração Cel. Jacques Rodrigues Alves, que sempre incentivou minha carreira acadêmica, além de ter contribuído para a escolha do curso de História, uma vez que, devido ao seu vasto conhecimento sobre as Ciências Humanas, compartilhava histórias comigo por meio de narrativas acerca de suas experiências e vivências enquanto membro do Exército Brasileiro no século XX, no âmbito do Estado Novo de Getúlio Vargas. Dedico este estudo para os meus pais, que integralmente dedicaram suas vidas para a minha criação, e me moldaram enquanto uma mulher crítica, politizada e amante das Ciências Humanas. Dedico sobretudo, para o meu tio paterno Alexandre Silva Araújo que em momentos cruciais esteve presente no meu cotidiano de diversas formas, oferecendo suporte, amor e atenção. Por fim, dedico este estudo aos meus amigos e ao meu namorado, que forneceram e fornecem, a dose de alegria, amor e leveza necessária para que eu conseguisse concluir a graduação, mesmo em uma conjuntura política desfavorável para a carreira acadêmica de modo geral.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, pelas excelentes disciplinas ministradas ao longo de minha graduação. Agradeço particularmente ao professor Newton Dângelo, por ter me orientado, e pelo notável suporte prestado ao longo da elaboração do presente estudo. Agradeço ao meu amigo David J. Soares, pelo admirável suporte técnico, crítico e analítico que tornou realizável a conclusão deste trabalho. Agradeço sobretudo, a todos os professores que fizeram parte de minha trajetória estudantil e contribuíram para a minha formação enquanto uma cidadã ativa, política, feminista, crítica e responsável.

Construindo Imagens, Narrativas e Heróis: o desfecho da Segunda Guerra Mundial sob o olhar da Revista O Malho.

Resumo

A revista *O Malho* (1902-1953) será utilizada no decorrer deste trabalho como um recurso para aproximar-se de uma parcela do imaginário popular acerca do desfecho da Segunda Guerra Mundial. Ao longo do ano de 1945, diversas instituições empenharam-se em narrar as movimentações dos países envolvidos na guerra. Assim, objetiva-se com o presente trabalho visitar a perspectiva defendida pelo periódico por meio de suas ilustrações, com o intuito de identificar quais nações foram retratadas como as protagonistas, quais acontecimentos foram narrados como heroicos e quais países foram abordados como vilões e responsáveis pelas mazelas que se sucederam no decorrer do embate. De acordo com a perspectiva dos colaboradores de *O Malho*: o que era imprescindível nas narrativas relativas às batalhas que compunham as páginas do periódico? Ademais, de que maneira os conteúdos imagéticos indicam os anseios políticos e ideológicos que a revista objetivava difundir para o seu público-alvo? Por fim, de que maneira o conteúdo da revista contribuiu para a construção do imaginário popular da época e de que forma as manifestações sobre a guerra presentes na revista fornecem indícios em relação à conjuntura política mundial e brasileira? As imagens do conflito publicadas em revistas de grande circulação popular como é o caso de *O Malho*, além de retratarem as movimentações do desenlace da guerra, também foram responsáveis por apresentar uma visão política e crítica acerca do assunto. Dessa forma, ao se debater acerca do público-alvo, conteúdo e posicionamento ideológico dos consortes da revista, é possível investigar a conjuntura política intrínseca ao contexto analisado e depreender a força política da imprensa, além de entendê-la como uma ferramenta para a formação da opinião pública.

Palavras-chave: O Malho; Revista; Segunda Guerra Mundial; Ilustrações; Imaginário Popular.

Building Images, Narratives and Heroes: the outcome of the World War II under the gaze of O Malho Magazine

Abstract

The magazine *O Malho* (1902-1953) will be operated throughout this work as a resource to approach a portion of the popular thoughts about the outcome of the World War II. Throughout 1945, several institutions endeavored to narrate the movements of the countries involved in the war, therefore, the objective is to visit the perspective defended by the periodical through its illustrations, in order to identify which nations were portrayed as the protagonists, which events were narrated as heroic, which countries were approached as villains and responsible for the ills that followed during the course of the clash. According to the perspective of the collaborators of *O Malho*, what was essential in the narratives related to the battle that made up the pages of the periodical? Furthermore, how do the images contents indicate the political and ideological desires that the magazine aimed to spread to its target audience? Finally, how did the magazine's content contribute to the construction of the popular imagination of the time and how did the manifestations about the war present in the magazine provide evidence in relation to the world and Brazilian political conjuncture? The images of the conflict published in popular magazines such as *O Malho*, in addition to portraying the movements of the outcome of the war, were also responsible for presenting a political and critical view of the subject, thus, when debating about the public target, content and ideological positioning of the magazine's contributors, it is possible to investigate the political situation intrinsic to the analyzed context, and to infer the political strength of the magazines, in addition to understanding it as a tool for the formation of public opinion.

Keywords: O Malho; Magazine; World War II; Illustrations; Popular Opinion.

LISTA DE SIGLAS

EUA - Estados Unidos da América

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

DIP- Departamento de Imprensa e Propaganda

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Segredos de belza de Hollywood	17
FIGURA 2 - Capa da revista O Malho, maio de 1945, edição 0061	25
FIGURA 3 - Capa da revista O Malho, maio de 1945, edição 0064	29
FIGURA 4 - Capa da revista O Malho, janeiro de 1946, edição 0072	35
FIGURA 5 - Instantâneos da F.E.B. na Itália	37
FIGURA 6 - Polícia militar britânica e membros dos “Carabinieri”	38
FIGURA 7 - As atrocidades do nazismo na Europa	40
FIGURA 8 - O começo do fim... ..	41
FIGURA 9 - Capa da revista O Malho, junho de 1945, edição 0065	42
FIGURA 10 - Capa da revista O Malho, julho de 1945, edição 0066	43
FIGURA 11 - Capa da revista O Malho, agosto de 1945, edição 0067	43
FIGURA 12 - Capa da revista O Malho, outubro de 1945, edição 0069	44

Sumário

Introdução.....	10
CAPÍTULO 1	13
O desfecho da Segunda Guerra Mundial e seus desdobramentos no cenário político brasileiro 13	
CAPÍTULO 2	24
O público alvo de <i>O Malho</i>: persuasão, pensamento político e a construção do imaginário popular através do periódico	24
CAPÍTULO 3	35
Por dentro da revista <i>O Malho</i>: analisando e interpretando as imagens do periódico	35
Considerações Finais.....	46
FONTES	48
BIBLIOGRAFIA.....	

Introdução

Por se tratar de um veículo de extrema relevância no âmbito da propagação da informação, as revistas ilustradas se configuram como um recurso influente para viabilizar a análise de um determinado contexto histórico-social e as perspectivas dos indivíduos que constroem as narrativas do seu próprio tempo, uma vez que, a imprensa possui a dual faceta de se comportar tanto como sujeito, como fonte histórica de sua época. (LUCA, 2008). Além disso, os periódicos são, ao longo do século XX, um dos principais meios para se atingir a população brasileira, por conterem textos de fácil compreensão e valerem-se de representações imagéticas, como caricaturas e charges, com o objetivo de cativar um público alvo frequentemente caracterizado pelas mazelas do analfabetismo. (LUCA, 2008).

O contexto político e histórico que se pretende analisar ao longo do presente trabalho está envolto na contraditória aliança ao longo de 1939 à 1945, entre os países de economia liberal, como França, Inglaterra e mais tarde em 1941, Estados Unidos da América, com as repúblicas soviéticas, que há pouco haviam se tornado socialistas mediante a Revolução de outubro de 1917, cujo intuito era o de frear os avanços nazifascistas dos países do Eixo. Sendo assim, ao adentrar nas páginas do periódico *O Malho* e analisar as caricaturas propagadas pela revista ao longo do ano de 1945, objetiva-se salientar os motivos de um país tomado por um governo autoritário e repressor, como o Brasil do Estado Novo Vargasista, lançar se na guerra ao lado das potências liberais aliadas, e não ao lado das nações do Eixo, que possuíam ideologias econômicas e políticas congruentes com o modelo de governo proposto por Getúlio Vargas. (TOTA, 2000). Ademais, é por meio da análise do conteúdo imagético de uma revista contemporânea ao desfecho da Segunda Guerra Mundial, que se viabilizará o estudo da construção do imaginário popular acerca do desfecho do conflito, dada a grande circulação e popularidade (VISCARDI, 2018), do periódico em foco.

Diante disso, com o objetivo de observar algumas narrativas relativas ao fim da Segunda Guerra Mundial e analisar possíveis ideologias defendidas e propagadas ao longo do ano de 1945, a revista carioca *O Malho*, que esteve em circulação de 1902 à 1953, será colocada em evidência, para auxiliar na interpretação do imaginário brasileiro em relação à Guerra, seus desdobramentos e posicionamentos políticos em confronto. Em suas 12 edições publicadas no decorrer do ano final (1945) da Segunda Guerra, a revista ocupou-se em trazer caricaturas, charges, textos e fotografias sobre o conflito. Valendo-se de um humor ácido e carregado de

perspectivas políticas cujo propósito era o de informar, provocar, e conscientizar seus leitores. (TENÓRIO, 2009).

Adiante, a preocupação do periódico em retratar a Alemanha como a grande perdedora e vilã da batalha, e vangloriar os feitos dos Aliados, enaltecidos como os heróis do conflito, se torna um processo peculiar no contexto da Era Vargas, uma vez que o modelo de governo vigente no Estado Novo se aproximava ideologicamente dos regimes nazifascistas. Além disso, tal comportamento antifascista adotado pela revista fornecerá pistas acerca dos interesses políticos e as estratégias de persuasão de *O Malho*. Ademais, pretende-se compreender de que maneira um popular periódico da época veiculava símbolos do socialismo como Josef Stálin, os enaltecendo por meio de imagens, em um contexto em que o Estado brasileiro exercia censura e repressão contra os movimentos de esquerda do país, portanto, intenciona-se debater acerca dos mecanismos de regulamentação e opressão do período, com o intuito de inferir se tais agentes influenciaram nas publicações do período, ou se os órgãos estatais responsáveis pelo controle e circulação das mídias, não exerceram uma notável restrição nas publicações de 1945 de *O Malho*.

Ao analisar as imagens da revista *O Malho*, é possível abstrair transições pelas quais o ano de 1945 passou, além de viabilizar o debate a respeito das ideologias atreladas no processo da confecção do periódico. De acordo com Francastel (1990, p.32):

“[...] a civilização é um todo, e muito ou pouco, cada modificação substancial da atividade humana repercute em todas as atividades contemporâneas, principalmente naquelas que, como as artes, resultam do mesmo modo que as outras linguagens, mesma expressão simbólica do pensamento coletivo das gerações”.

Logo, investigar os ícones veiculados em uma revista contemporânea à Segunda Guerra Mundial é constatar de que maneira as transformações impostas à sociedade foram representadas, ou seja, de que maneira os indivíduos responsáveis pela revista narraram os acontecimentos do seu próprio tempo. As imagens comunicam, expressam, informam, e ao mesmo tempo, criam uma realidade; (FRANCASTEL, 1990), diante disso, é viável questionar qual realidade da guerra está sendo criada pelo periódico, o que o leitor precisava abstrair acerca do conflito, e qual a narrativa era defendida pelos colaboradores de *O Malho*. Ao se ater aos recursos imagéticos da revista é possível tomar nota do que está implícito nos textos: as narrativas defendidas, intenções e manipulações.

A revista carioca *O Malho* publicou ao longo de 1945 12 edições, que possuíam, em média, 69 páginas cada. No decorrer dos lançamentos, diversas imagens, ilustrações e

fotografias direcionadas a narrar os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, tais como caricaturas de Josef Stalin, representações de Adolf Hitler e retratos de Franklin Delano Roosevelt. Ademais, também é encontrado nas páginas do periódico textos e sátiras em relação ao conflito, que tornam a revista ilustrada em questão uma rica fonte para se absorver de que forma a imprensa exercia naquele período sua força política por meio da propagação de ideologias e modismos, cujo intuito era o de moldar o imaginário popular acerca do desfecho do conflito.

Diante disso, no primeiro capítulo pretende-se analisar os desdobramentos das movimentações da segunda guerra mundial e de que maneira tais ações refletiram nas políticas internas brasileiras, com o auxílio dos autores Erick Hobsbawm em sua obra *A Era dos Extremos*, para a compreensão da conjuntura política, econômica e social do embate, Antonio Pedro Tota, que descreve a aproximação entre os Estados Unidos da América com o Brasil em seu livro *O Imperialismo Sedutor*, Ronaldo Rogério Freitas Mourão em seu artigo *Hiroshima e Nagasaki: razões para experimentar a nova arma* e André Beaufre em seu estudo *Disuasión y estratégia*. Adiante, no segundo capítulo, objetiva-se compreender de que forma deve-se manusear os periódicos como fonte histórica com o auxílio das autoras Maria Helena Rolim Capelato e, Tânia Regina de Luca e Ana Luiza Martins em suas obras, *Imprensa e História do Brasil* e *História da Imprensa no Brasil* respectivamente, além dos textos: *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945* de Capelato e, *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a Nação* de Tânia de Luca. Ademais, neste capítulo pretende-se ponderar as perspectivas de outros pesquisadores acerca da revista *O Malho*, com o intuito de se absorver o público alvo, as perspectivas políticas, o estilo textual, e as intenções sociais da revista, para tanto o artigo *Votos, Partidos e Eleições na Primeira República: a dinâmica política a partir das charges de O Malho*, das autoras Cláudia Maria Ribeiro Viscardi e Livia Freitas Pinto Silva Soares, e o artigo, *Zé Povo cidadão: humor e política nas páginas de O Malho* de Guilherme Mendes Tenório, serão debatidos ao longo do segundo capítulo. Por fim, ao longo do terceiro capítulo intenciona-se observar determinadas ilustrações do periódico com o objetivo de extrair as perspectivas políticas da revista e analisar de que maneira *O Malho* contribuiu para a construção de narrativas acerca do desfecho da Segunda Guerra Mundial.

CAPÍTULO 1

O desfecho da Segunda Guerra Mundial e seus desdobramentos no cenário político brasileiro

O desfecho da Segunda Guerra Mundial está envolto em uma conjuntura política descrita como peculiar e atípica por alguns renomados historiadores, dentre eles, Eric Hobsbawm. É diante de uma contestável aliança entre países cujas ideologias e economias representavam perspectivas opostas no cenário político da época, que os avanços nazistas assumem um novo rumo. A união entre a potência capitalista dos Estados Unidos da América, com aquela que se tornaria em poucos anos na sua principal rival geopolítica, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, foi a responsável por conter os avanços da Alemanha nazista de Adolf Hitler.

“A democracia só se salvou porque, para enfrentá-lo, houve uma aliança temporária e bizarra entre capitalismo liberal e comunismo: basicamente a vitória sobre a Alemanha de Hitler foi, como só poderia ter sido, uma vitória do Exército Vermelho. De muitas maneiras, esse período de aliança capitalista-comunista contra o fascismo — sobretudo as décadas de 1930 e 1940 constitui o ponto crítico da história do século XX e seu momento decisivo. De muitas maneiras, esse é um momento de paradoxo histórico nas relações entre capitalismo e comunismo, que na maior parte do século — com exceção do breve período de antifascismo — ocuparam posições de antagonismo inconciliável” (HOBSBAWM, 1994, p. 15).

Tão “bizarra” e contraditória quanto a aliança entre o capitalismo e o comunismo no âmbito da conclusão da Segunda Grande Guerra, foi a paradoxal atuação do governo brasileiro naquela época. O Estado Novo varguista e seus apelos para aparatos de censura e controle da imprensa, se assemelha aos moldes nazifascistas de atuação dos países do Eixo, todavia, ao ingressar no conflito, o faz ao lado dos Aliados, aqueles responsáveis por deferem o Estado liberal, a democracia e a modernização das nações do globo. Para compreender as razões que levaram o governo brasileiro a operar na guerra ao lado de nações que não condiziam com o seu posicionamento político, além de analisar de que maneira tais movimentações contribuíram com o fim do Estado Novo e, como consequência, na flexibilização dos instrumentos de controle e repressão estatais, que impediam a livre atuação crítica da imprensa brasileira, serão

discutidos e examinados os apontamentos de Antonio Pedro Tota¹ em sua obra acerca da americanização do Estado brasileiro por meio de iniciativas que visavam a aproximação entre os Estados Unidos da América e o Brasil.

Os países da América Latina revisitados como deficientes perante as grandes potências Europeias, foram bombardeados pelos modelos de governos importados do hemisfério Norte. No Brasil tal conjuntura não foi diferente, a estética nazista além de agradar as colônias alemãs existentes nos Estados do Sul brasileiro, também faziam o gosto do alto escalão do exército, uma vez que, ao mesmo tempo em que o “fascinante fascismo” ia ao encontro dos projetos de uma Nação forte, máscula e comprometida com a moral, ele afastava a maior ameaça para os países de Terceiro Mundo que almejavam aproximar-se das referências da Europa, o comunismo.

“A ascensão da direita radical após a Primeira Guerra Mundial foi sem dúvida uma resposta ao perigo, na verdade à realidade, da revolução social e do poder operário em geral, e à Revolução de Outubro e ao leninismo em particular. Sem esses, não teria havido fascismo algum, pois embora os demagógicos ultradireitistas tivessem sido politicamente barulhentos e agressivos em vários países europeus desde o fim do século XIX, quase sempre haviam sido mantidos sob controle antes de 1914. Sob esse aspecto, os apologetas do fascismo provavelmente têm razão quando afirmam que Lenin engendrou Mussolini e Hitler. Contudo, é inteiramente ilegítimo desculpar o barbarismo fascista alegando que ele foi inspirado pelas supostas barbaridades anteriores da Revolução Russa — que teria imitado —, como alguns historiadores alemães estiveram perto de fazer na década de 1980 (Nolte, 1987).” (HOBSBAWM, 1994, p. 103).

Ademais, a forma encontrada pelo governo brasileiro da época para instaurar a sua longevidade e afastar quaisquer ameaças de um comunismo latente após a Revolução Russa de 1917, foi uma atuação pautada no autoritarismo e focada na promoção do Estado por meio da propaganda e do controle da imprensa através de aparatos de censura e persuasão. Dessa forma, as democracias liberais se revelavam como um contratempo para tais estruturas, pois concediam espaço e voz para camadas sociais que poderiam pôr em xeque a integridade de um governo que muitas vezes não correspondia aos anseios de determinados grupos.

¹ Antonio Pedro Tota em sua obra *O Imperialismo Sedutor*, discorre acerca dos projetos americanos que visavam americanizar o Brasil e exercer a política de boa vizinhança com o intuito de afastar as ameaças dos países do Eixo e o expansionismo das ideologias nazifascistas que operam de encontro com os anseios do capitalismo liberal.

“As forças que derrubavam os regimes liberal-democráticos eram de três tipos, omitindo a forma mais tradicional de golpes militares que instalavam ditadores ou caudilhos latino-americanos, sem qualquer coloração política a priori. Todos eram contra a revolução social, e na verdade uma reação contra a subversão da velha ordem social em 1917-20 estava na raiz de todos eles. Todos eram autoritários e hostis às instituições políticas liberais, embora às vezes mais por motivos pragmáticos do que por princípio. Reacionários anacrônicos podiam proibir alguns partidos, especialmente o comunista, mas não todos.” (HOBSBAWM, 1994, p. 94).

Outro fator de suma importância para que os moldes autoritários fossem frequentemente requisitados nos países Latino Americanos, era a repulsa destes frente aos arquétipos estadunidenses. A americanização, assim denominado o conjunto de estratégias que objetivavam propagar a cultura dos Estados Unidos da América por Antônio Pedro Tota, era encarada como uma desnecessária popularização do progressismo, da democracia liberal, e do consumismo que poderia afastar os verdadeiros princípios civilizatórios inspirados nos países Europeus tais como a Inglaterra e a França. Portanto, o *American way of life* sustentado pela fábrica de ideologias do governo estadunidense, necessitaria de outras vias para se instaurar nessas sociedades da América Latina. Ademais, a própria crise do liberalismo de 1929 acabava por fortalecer o repúdio pela figura dos Estados Unidos da América e seu modelo econômico.

“O velho liberalismo estava morto, ou parecia condenado. Três opções competiam agora pela hegemonia intelectual-política. O comunismo marxista era uma. Afinal, as previsões do próprio Marx pareciam estar concretizando-se, como a Associação Econômica Americana ouviu em 1938, e, de maneira ainda mais impressionante, a URSS parecia imune à catástrofe. (...) a terceira opção era o fascismo, que a Depressão transformou num movimento mundial, e, mais objetivamente, num perigo mundial. O fascismo em sua versão alemã (nacional-socialismo) beneficiou-se tanto da tradição intelectual alemã, que (ao contrário da austríaca) se mostrara hostil às teorias neoclássicas de liberalismo econômico, transformadas em ortodoxia internacional desde a década de 1880, quanto de um governo implacável, decidido a livrar-se do desemprego a qualquer custo. (...)” (HOBSBAWM, 1994, p. 90).

Todavia, constitui-se como um particular interesse do governo americano, a conquista de seus vizinhos da América do Sul, uma vez que no contexto da Segunda Guerra Mundial, fortalecer alianças, exercer influência e garantir mercados, configurava-se como uma estratégia

política para se opor ao perigo dos avanços nazifascistas, que ameaçavam o sistema econômico liberal. Dessa forma, tal interesse por promover a americanização não foi diferente no Brasil, como aponta Tota (2000, p. 18-19): “O Brasil era visto como um importante parceiro no hemisfério. Americanizar o Brasil, por vias pacíficas, era, pois, tido como o caminho mais seguro para garantir essa parceria”.

Diante deste cenário, iniciam-se as movimentações da fábrica de ideologias estadunidenses com o objetivo de americanizar o Brasil e concretizá-lo enquanto um aliado no conflito contra as potências nazifascistas. A americanização por vias pacíficas, conforme destacado pelo autor de *O Imperialismo Sedutor*, significava a adoção de medidas por parte do EUA que viabilizassem a penetração do imaginário americano no país, mudando a forma com que os brasileiros interpretavam seus vizinhos da América do Norte, enquanto figuras arrogantes e prepotentes distantes dos moldes europeus de civilização com os quais a elite brasileira objetivava assemelhar. Ademais, a política de boa vizinhança almejada pelo então presidente estadunidense Franklin Delano Roosevelt, implicava necessariamente em um plano pacífico para se assegurar a cumplicidade e a aliança dos países da América frente aos embates da guerra. Não obstante, não apenas órgãos políticos se envolveram na causa da americanização dos países latino americanos, como também diversas instituições do entretenimento como a rádio, o cinema e a imprensa, aliaram-se com o objetivo de propagar a cultura dos EUA, tornar admirável o *American Way of Life*, o poder de consumo, a liberdade de expressão e o racionalismo no qual o homem altera a natureza para satisfazer os seus prazeres mediante o domínio da natureza.

Posto isso, para rebater às críticas dirigidas à cultura americana e para afirmá-la enquanto um modelo de civilização a ser adotado pelos países de Terceiro Mundo, a propaganda foi uma grande aliada do governo dos EUA neste âmbito. Ademais, um dos principais atores da americanização, que conseguiu por meio das telas, penetrar no imaginário dos espectadores e encantar o público, que por sua vez já se encontrava facilmente persuadido com a novidade tecnológica americana, foi o cinema (Figura 3).

do nazismo, que, no plano das representações, se opunha ao capitalismo liberal.” (TOTA, 2000, p. 52).

Adiante, a saída para a possível crise que se desenharia devido ao bloqueio do continente europeu, foi parcialmente contida com a compra de matéria prima latino-americana por parte dos EUA. A máquina de guerra americana se abastecia com os commodities da América central e do sul para a produção de artefatos utilizados na guerra, tal estratégia econômica, além de aproximar tais países, tornava-os dependentes comercialmente de sua economia, fortalecendo alianças e conquistando espaço entre nações, como o Brasil, que ideologicamente se opunham a lógica do capitalismo liberal.

“Vargas havia sido hábil o suficiente para alguns dias depois de ter criticado democracias, manifestar simpatia pela política de solidariedade pan-americana proposta por Roosevelt. Já no dia 12, Vargas registrará em seu diário: “Começaram os entendimentos entre o chefe da missão militar americana com os nossos militares e o ministro do exterior sobre o nosso planejamento bélico.” O jogo do chefe de Estado brasileiro dava seus primeiros resultados” (TOTA, 2000, p. 28).

Após a manifestação de Getúlio Vargas por meio de um discurso ambíguo proferido diante das movimentações do expansionismo nazista, os olhares estadunidenses voltaram-se para o Brasil, assim como intencionado pelo então presidente brasileiro, fazendo com que a potência capitalista ao temer a perda de influência para a frente nazifascista, adotasse medidas para prestar suporte à nação brasileira no âmbito do bloqueio europeu.

No âmbito dos meios de comunicação e informação, a imprensa e o serviço de inteligência estadunidense aliaram-se para combater mensagens antiamericanas propagadas por simpatizantes do nazifascismo, e para difundir a ideologia do *American Way of Life* com o intuito de americanizar as populações da América Latina. Posto isso, Nelson Rockefeller foi responsável, de acordo com Antonio Pedro Tota, por enviar agentes americanos encarregados de coletar os gostos, a cultura, os símbolos e costumes da América Latina com o objetivo de produzir artigos culturais que atingissem o gosto do público alvo da propaganda estadunidense. Dessa forma, para que a propaganda dos EUA fosse eficaz, as produções de revistas, filmes e programas de rádio foram atenciosamente revisados para cair no gosto do público, enfatizando aspectos típicos do país que se desejava atingir e a cooperação entre as Américas.

No Brasil, as pesquisas que objetivaram coletar os costumes e a cultura do país, foram as mesmas responsáveis pelo grande sucesso por exemplo de revistas estadunidenses e das

produções de *Hollywood* e da companhia midiática *Disney*. Sendo assim, a penetração no gosto dos brasileiros por meio de produções culturais especificamente desenvolvidas para o país, propiciou a domesticação da população de acordo com os princípios da moral norte-americana.

Todo o esforço estadunidense para transpor os velhos preconceitos da elite brasileira em relação aos arquétipos americanistas, estabeleceu-se como uma importante conduta a ser adotada a fim de conquistar a parceria deste importante país nas relações comerciais, uma vez que, para assegurar a sua força imperialista, os EUA não podiam correr o risco de perder influência na América Latina para as movimentações nazifascistas, tampouco, permitir que os ideais comunistas, que naquele âmbito começavam a transbordar a Europa, fossem semeados nos territórios de seus vizinhos das “outras” américas. Hobsbawm, em *Era dos Extremos* discorre acerca da forte influência das façanhas oriundas da Revolução de 1917:

“Na verdade, o modelo leninista teve de fato considerável apelo para jovens membros de velhas elites, sobretudo no Terceiro Mundo, que entraram nesses partidos em números desproporcionais, apesar dos esforços heroicos, e relativamente bem-sucedidos, desses partidos para promover verdadeiros proletários. A grande expansão do comunismo brasileiro na década de 1930 baseou-se na conversão de jovens intelectuais de famílias da oligarquia latifundiária e oficiais subalternos do exército (Martins Rodrigues, 1984, pp. 390-7).” (HOBBSAWM, 1994, p. 66).

Enquanto a faceta nacionalista e condizente com os paradigmas nazifascistas adotada por diversos países latino americanos, visível nos governos de Juan Domingo Perón da Argentina e Getúlio Vargas no Brasil por exemplo, era necessário, por parte dos EUA, uma atuação pacífica e laboriosa, a penetração no cotidiano latino-americano, e a conquista dos povos através de medidas imperialistas já listadas anteriormente como a imprensa, o cinema, a rádio e ações econômicas cujo intuito era o de assegurar as economias dependentes do mercado consumidor europeu, conferiram aos EUA a sua vitória perante o avanço das ideologias de extrema direita. Ideologias, que poderiam ser mais ofensivas aos interesses americanos do que as próprias revoluções sociais de cunho comunista:

“Num século dominado pelo confronto entre o comunismo anticapitalista da Revolução de Outubro, representado pela URSS, e o capitalismo anticomunista, cujo defensor e principal exemplar eram os EUA, nada parece mais anômalo do que essa declaração de simpatia, ou pelo menos preferência, pelo berço da revolução mundial em

detrimento de um país vigorosamente anticomunista e cuja economia era reconhecivelmente capitalista” (HOBSBAWM, 1994, p. 116).

Em suma, a atuação controversa do Brasil na Segunda Guerra Mundial, é sentenciada pelas movimentações estadunidenses e seus interesses imperialistas. Sendo assim, o Estado Novo varguista marcado como um regime que se valeu de estratégias nacionalistas, atua ao lado das potências aliadas, representadas por ideais democráticos e liberais no âmbito da Segunda Guerra Mundial, mesmo que tal operação fosse de encontro com a ideologia do Estado brasileiro.

Adiante, com a derrota dos impérios do Eixo que resultou no fim da Segunda Guerra Mundial, a peculiar união amistosa entre as potências capitalistas e a União Soviética chega ao fim. É de suma importância tomar conhecimento que tal aliança entre os EUA e a URSS estabeleceu-se devido a uma ameaça maior, o nazifascismo, diante disso, ao analisar periódicos brasileiros e deparar-se com fotografias, ilustrações, caricaturas ou textos que enaltecem a parceria destes dois agentes cujas ideologias são opostas, é preciso compreender as razões políticas por trás de tais construções. Assim como será visto em algumas páginas de *O Malho*, as representações que faziam alusão a União Soviética enquanto uma aliada, não implicam, necessariamente, no enaltecimento da ideologia comunista, portanto, ao analisar as caricaturas, ilustrações e passagens do periódico que mencionam tal união, é preciso de antemão tomar nota deste cenário diverso, onde as potências só estiveram de acordo no âmbito da luta contra um inimigo em comum.

“A situação histórica era sem dúvida excepcional e teria vida relativamente curta. Durou, no máximo, de 1939 (quando os EUA reconheceram oficialmente a URSS) até 1947 (quando os dois campos ideológicos se defrontaram como inimigos na “Guerra Fria”), porém mais realisticamente de 1935 a 1945. Em outras palavras, foi determinada pela ascensão e queda da Alemanha de Hitler (1933-45) (ver capítulo 4), contra a qual EUA e URSS fizeram causa comum, porque a viam como um perigo maior do que cada um ao outro. (...) O que uniu todas essas divisões civis nacionais numa única guerra global, internacional e civil, foi o surgimento da Alemanha de Hitler. Ou, mais precisamente, entre 1931 e 1941, a marcha para a conquista e a guerra da aliança de Estados — Alemanha, Itália e Japão, da qual a Alemanha de Hitler se tornou o pilar central. E a Alemanha de Hitler era ao mesmo tempo mais implacável e comprometida com a destruição dos valores e instituições da “civilização ocidental” da Era das Revoluções, e mais

capaz de levar a efeito seu bárbaro projeto.” (HOBSBAWM, 1994, p. 117-118).

No cenário que intercorre a Segunda Grande Guerra a potência capitalista figurada pelos Estados Unidos da América entra em uma guerra ideológica contra o cânone da filosofia socialista, a União Soviética. Tal interface política também deve ser elucidada com o intuito de compreender a conjuntura do período analisado ao longo das páginas do periódico *O Malho*. O recorte que se pretende analisar da revista, ou seja, as doze edições do ano de 1945 e a primeira edição da revista em 1946, abarca tanto o enfraquecimento dos impérios nazifascistas que culminou no fim da segunda guerra, como no início de um outro conflito, a denominada Guerra Fria. Ademais, ao final do conflito, é relevante destacar os intuítos dos EUA mediante o uso de armas nucleares para afirmar a sua posição de superioridade em relação à atuação soviética nos países da Ásia.

Dentre as razões que motivaram o uso de bombas nucleares em Hiroshima e Nagasaki por parte dos Estados Unidos da América, serão destacadas três consideradas como elementares para se compreender as intenções do governo estadunidense ao final da Segunda Grande Guerra Mundial.

O Japão no ano de 1945 via-se desolado, diversas cidades japonesas foram alvos de ataques e bombardeios dos EUA, “(...) de mais de 600 toneladas de bombas, sobre 16 cidades japonesas, e 1.665 toneladas de bombas incendiárias sobre a cidade de Tóquio: entre 9 e 10 de março de 1945, foram mortos mais de cem mil civis em uma única noite. (...)” (MOURÃO, 2005, p. 695), uma vez que ambos os países disputavam por sua influência sobre o pacífico. Diante disso, como destaca Ronaldo Rogério Freitas Mourão em seu artigo *Hiroshima e Nagasaki: razões para experimentar a nova arma*, a rendição dos japoneses perante o conflito era uma simples questão de tempo, logo, justificar os ataques atômicos por meio do argumento de que o Japão representava uma ameaça aos interesses dos aliados, torna-se uma razão insustentável. É possível sim, enaltecer que um dos principais anseios com os bombardeios por parte dos EUA era o de amedrontar a União Soviética, que naquele âmbito, começava a avançar pela Ásia. Portanto, os socialistas seriam, de fato, uma ameaça aos interesses e estratégias políticas estadunidenses.

“Os norte-americanos, contudo, seguros da sua vitória, não gostariam que os soviéticos viessem a participar da ocupação do Japão. Se, por um lado, eles pressionavam o Japão para não prolongar inutilmente os combates e exigiam uma rendição incondicional, por outro lado, ponderavam que a utilização da bomba atômica seria um meio de

eliminar rapidamente as manobras russas, evitando a penetração soviética na Ásia.” (MOURÃO, 2005, p. 697).

O uso das armas nucleares se comportou nesse contexto como uma demonstração da potência dos EUA, a destruição rápida e em grande escala de um território, além de intimidar os soviéticos, foi capaz de lançar os EUA como uma potência soberana, avançada, e a única nação que possuía até então, a mais forte arma já utilizada em um conflito. Além da demonstração de poderio, os ataques foram responsáveis por difundir os EUA como a nação do progresso, do avanço, capaz de comandar as relações políticas e econômicas da nova ordem mundial que se ergueria após o conflito.

Ademais, outro fator que se revela como um motivo para embasar a ação estadunidense é que, de acordo com as autoridades americanas, os bombardeios às cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki culminariam na salvação de mais de 200 mil vidas de soldados estadunidenses, que morreriam no conflito contra a nação integrante do Eixo. Portanto, a nação americana temerosa de que mais vidas de sua pátria seriam perdidas em combate, optou por uma arma altamente destrutiva e capaz de conter as movimentações japonesas. Sendo assim, as autoridades americanas propagavam que o uso de armas atômicas seria capaz de trilhar o fim definitivo na guerra, portanto, outra justificativa para o uso dos armamentos, está pautado no fato de que esses seriam capazes frear o império nazista e seu expansionismo pela Europa, pondo um fim a Segunda Guerra Mundial.

Segundo Amdre Beaufre em seu texto *Disuasión y Estratègia*, as armas nucleares foram capazes de modificar as estratégias no contexto de uma guerra, pois em um cenário onde a demonstração da força é capaz de persuadir o oponente, as armas nucleares e a sua devastadora capacidade de destruição, desempenham o papel de ameaçar e amedrontar os inimigos, levando-os a agir de acordo com os propósitos de quem as utiliza. Diante disso, para pontuar a diferença que as armas nucleares proporcionaram no âmbito da dissuasão, quando comparadas a estratégia clássica, é preciso compreender que os níveis de ação e de força até antes da primeira guerra mundial, 1914, se concentravam em lutas políticas e em ações militares.

Portanto, o desenvolvimento científico e industrial e o advento das bombas nucleares, resulta em uma mudança drástica na grandeza de destruição de uma guerra, marcando, dessa forma, o início de um conflito técnico-científico e estruturado em torno de ameaças e demonstrações de poderio constantes, o que implica segundo o autor, tanto no fim dos conflitos a níveis antigos, por meio de lutas políticas e militares, como também no desaparecimento da paz. Logo, os conflitos clássicos pautavam-se nos combates armados e na demonstração de poderio militar na prática, ao se medir o poderio de uma nação voltava-se aos seus tanques,

armamentos e exército, diferentemente a estratégia nuclear se transfigura em sua dissuasão e na possibilidade de concretizar uma catástrofe em larga escala.

A Guerra Fria, marcada pelo forte investimento no desenvolvimento de ogivas nucleares, tanto por parte da URSS como dos países capitalistas, se atrela ao conceito de dissuasão nuclear uma vez que, o conflito se desenrola por meio da própria dissuasão e demonstrações de poderio. O conflito direto entre as potências capitalista e socialista não foi às vias de fato, todavia, a corrida armamentista se fazia necessária, para que as nações pudessem se assegurar de que em caso de ataque, possuiriam uma resposta à altura. Dessa forma, a dissuasão nuclear no contexto da guerra fria, foi responsável por ditar os movimentos do conflito, e quais seriam as nações protagonistas e mais influentes nesse âmbito.

CAPÍTULO 2

O público alvo de *O Malho*: persuasão, pensamento político e a construção do imaginário popular através do periódico

A Revista *O Malho* comporta-se como um suporte relevante para se compreender de que forma revistas ilustradas brasileiras atuaram como formadoras de opinião pública e como um veículo de propagação de determinados ideais e projetos políticos. Tais fontes serão, ao longo deste trabalho, interpretadas como veículos capazes de construir ideias e opiniões públicas, e como um recurso valioso para absorver uma fração do pensamento político de uma determinada camada social. Na visão de Viscardi e Soares (2018, p. 5)

“Não vemos a imprensa de um período como uma fonte cujo conteúdo nos permita ter acesso ao que de fato aconteceu no período. Trata-se de uma representação intelectual feita por seus editores, jornalistas e/ou chargistas sobre seu cotidiano, fundamentada em suas experiências e expectativas em relação ao novo regime implantado. Por ser formadora de opinião pública, tal representação ao mesmo tempo em que espelha, constrói a realidade.”

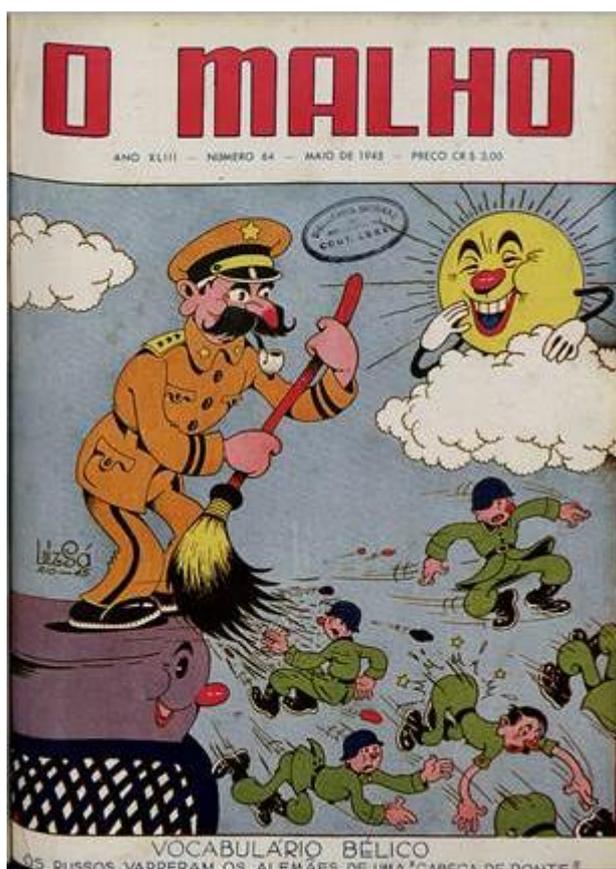
Sendo assim, ao longo deste trabalho a revista *O Malho* é utilizada como uma ferramenta para entendermos a forma pela qual as revistas foram capazes de popularizar informações e construir versões sobre a História presente, sendo o foco da análise às interpretações das movimentações dos países envolvidos na Segunda Grande Guerra, entre eles, o Brasil. Portanto, a revista será investigada enquanto uma representação da sociedade na qual ela era veiculada, uma vez que as revistas, ao escreverem sobre o seu espaço e tempo, contribuem enquanto fonte histórica, no momento em que retratam sua realidade, e cooperam para a formação da opinião daqueles que as consomem, ao proporem críticas e reflexões sobre determinado contexto. (LUCA, 2008).

A edição de maio de 1945, elaborada pelo cartunista brasileiro Luiz Sá², intitula-se: *Vocabulário Bélico: Os russos varreram os alemães de uma “cabeça de ponte”* e faz alusão a vitória da União Soviética em seu embate contra a Alemanha Nazista. Na capa (Figura 1) é possível constatar um Sol personificado, sorridente ao visualizar a figura do Líder soviético

² Luiz Sá, nasceu em 1907 em Fortaleza Ceará e se tornou um importante cartunista brasileiro, trabalhando em revistas como *Eu vi*, *O Tico-Tico* e *O Malho*.

Josef Stalin “varrendo” seus inimigos alemães de seu território. Ademais, os combatentes nazistas são caracterizados pelo cartunista como menores em tamanho quando comparados a figura de Stalin, que está ereto e no plano superior esquerdo da caricatura. Além de apresentarem feições de surpresa, os soldados nazistas são representados em posição de inferioridade, onde é possível observar traços e contornos ao redor das personagens que fazem referência a dor e ao movimento de estarem sendo arremessados para fora do penhasco através da ação executada pela figura de Stalin.

FIGURA 2 - Capa da revista O Malho, maio de 1945, edição 0064



Fonte: Biblioteca Nacional Digital (2023).

Com capas coloridas e caricaturas que abordam um tema relevante no âmbito da publicação, em conjunto com o nome do periódico escrito em letras garrafais, cores vibrantes e chamativas, a revista *O Malho*, contendo em média 69 páginas por edição, configura-se como uma influente formadora de opinião pública das camadas populares da sociedade brasileira na

primeira metade do século XX. De acordo com Maria Helena Rolim Capelato³ em seu trabalho *Imprensa e História do Brasil*:

“Todos jornais procuram atrair o público e conquistar seus corações e mentes (...) O periódico que se destina a um público de elite caracteriza-se, geralmente, pela apresentação sóbria, como é o caso de *O Estado de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*. Os que se dirigem a outras faixas de mercado apelam, em maior ou menor grau, para ilustrações títulos espetaculares, crime, sexo, humor, esporte, folhetim, etc. (...)” (CAPELATO, 1988, p. 15)

Diante do exposto, qual seria o público alvo da revista carioca em questão? Quais eram as razões políticas de *O Malho*, ou seja, qual a intenção dos responsáveis pela revista em atingir determinada camada social e interpelá-los a refletir criticamente acerca das movimentações do conflito? Ademais, de que maneira é possível recorrer a este periódico para extrair através da análise de suas caricaturas e posicionamentos, o imaginário brasileiro em relação ao desfecho da Segunda Grande Guerra?

Posteriormente, é relevante investigar como os elementos de persuasão utilizados pela revista, por exemplo as caricaturas presentes em suas capas, foram manuseadas como instrumentos de poder, para moldar opiniões ou até manipulá-las. Além de colocar em foco de que maneira *O Malho* pode ser um meio para a interpretação da época, suas ideologias, morais e visões de mundo, ademais, será debatido a forma com a qual revistas ilustradas se comportam como propagadoras de modismos, modelos de ação e posicionamentos políticos. (LUCA, 2008). Diante disso, é preciso compreender a imprensa enquanto uma fonte histórica, capaz de afirmar narrativas dominantes, ou como veículo para propagar novas ideologias e pensamentos revolucionários, (LUCA, 2008), dessa forma, é de extrema importância interpretá-la não como um meio para se absorver na totalidade a História e o pensamento político de determinado período, mas sim como um recurso para se compreender e analisar um recorte de espaço e tempo específico.

Para tanto, as obras de Maria Helena Rolim Capelato, *Imprensa e História do Brasil*, e o texto de Tânia Regina de Luca⁴ *História da Imprensa no Brasil* são importantes campos de reflexões. Com o auxílio metodológico das autoras, e com o suporte de outros historiadores que já trabalharam com o periódico, como Guilherme Mendes Tenório⁵, a doutora em História

³ Maria Helena Rolim Capelato, historiadora e professora na Universidade de São Paulo, discorre em sua obra *Imprensa e História do Brasil* acerca do papel da imprensa enquanto um meio para retratar a ação dos homens através do tempo.

⁴ Tânia Regina de Luca, *História da Imprensa no Brasil*.

⁵ Guilherme Mendes Tenório, “Zé Povo cidadão: humor e política nas páginas de O Malho.”

Cláudia Maria Ribeiro Viscardi⁶ e a historiadora Livia Freitas Pinto Silva Soares⁷, delimitamos o público-alvo de *O Malho*, e averiguamos o posicionamento e os objetivos dos proprietários do periódico.

Em suma, a revista ilustrada *O Malho* pode ter contribuído de maneira efetiva para a construção de um imaginário popular acerca do desfecho da Segunda Guerra Mundial. No levantamento de doze edições publicadas mensalmente de janeiro a dezembro do ano de 1945, e a primeira edição do ano de 1946, objetiva-se avaliar a perspectiva dos proprietários, dirigentes, cartunistas e escritores da revista em relação ao conflito e suas expectativas no primeiro ano após o fim da Guerra. Como já mencionado anteriormente, as imagens são de suma importância neste contexto, de acordo com Tânia Regina de Luca em sua obra *História e Imprensa no Brasil*:

“Essas revistas e tantas mais, muitas de vida efêmera, entretinham com informações leves e, sobretudo, apuro gráfico. Naqueles impressos, os ilustradores foram fundamentais no quadro de uma população com alto índice de analfabetismo, para a qual imagens comunicavam mais que texto” (LUCA, 1999, p. 62).

Diante de tal apontamento nos deparamos com revistas ilustradas que se comportavam, nas primeiras décadas do século XX como um dos principais recursos para a propagação de informações e conduziam-se como um poderoso meio para legitimar narrativas e ideologias políticas. No que diz respeito a revista *O Malho*, é relevante salientar que ela foi criada pelo jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva, assim como aponta Guilherme Mendes Tenório⁸. O proprietário da revista era um homem engajado politicamente e atrelado ao pensamento modernista e positivista, frequentemente visitado pelos republicanos que se posicionaram contra a Monarquia. A conjuntura e o contexto histórico do surgimento da revista também devem ser observados, as primeiras edições de 1902 do periódico, traziam sátiras sobre a recém instaurada República e abordavam as tensões e contradições de um sistema que ainda se embasava nos velhos moldes da Monarquia. Portanto, é notável o engajamento crítico da revista conforme observado por Tenório (2009, p. 37):

“O título escolhido para batizar o periódico de Luís Bartolomeu precisa, assim, ser analisado com cuidado. Na medida em que "malhar"

⁶ Cláudia Maria Ribeiro Viscardi, “Votos, Partidos e Eleições na Primeira República: a dinâmica política a partir das charges de O Malho”. São Paulo, 2018.

⁷ Livia Freitas Pinto Silva Soares, “Votos, Partidos e Eleições na Primeira República: a dinâmica política a partir das charges de O Malho”. São Paulo, 2018

⁸ Informação presente na dissertação: “Zé Povo cidadão: humor e política nas páginas de O Malho.” Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

é sinônimo de criticar, podemos concluir que a escolha do martelo como símbolo da publicação não foi aleatória, e sim marcada com uma intenção: identificar *O Malho* com a crítica”.

Ademais, é de igual pertinência salientar que no contexto da aparição da revista, é verídico o crescimento populacional brasileiro, bem como o desenvolvimento da tecnologia responsável pelo surgimento de bens de consumo como o rádio e o telefone. Todavia, é notável que tais avanços tecnológicos foram desfrutados por uma pequena parcela do montante total da população brasileira, diante disso, as revistas de baixo custo, continuavam sendo um importante meio para se atingir as camadas mais pobres da população. Ainda se referindo à pesquisa de Guilherme Mendes Tenório, o historiador aponta a grande circulação e penetração da revista *O Malho*, na sociedade carioca, além de estabelecer uma pesquisa acerca do preço da revista, comparando-o ao de outros periódicos que circulavam no mesmo período. Sendo assim, é possível delimitar o público-alvo da revista, como sendo as camadas menos abastadas da sociedade?

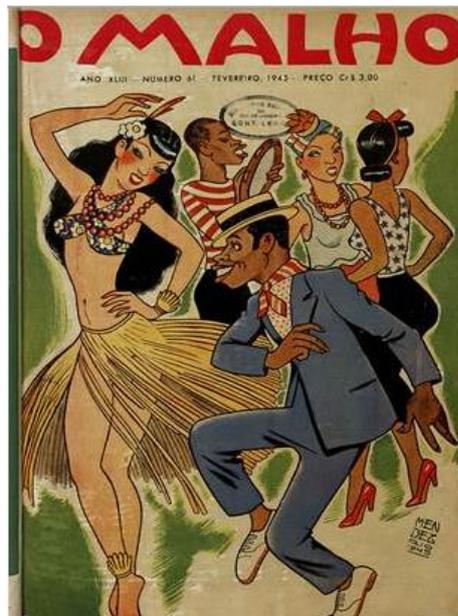
“Bons indicadores do público eram os preços dos exemplares avulsos e das assinaturas. Enquanto a Fon-Fon começara com o preço de \$400 réis em 1907, a revista de Luís Bartolomeu era vendida inicialmente por \$200 e manteve o valor de \$300 réis entre 1904 e 1910, o que equivalia ao custo do transporte público da época. Já a assinatura anual correspondia aos montantes de 15\$000 e 25\$000 para o interior e o exterior respectivamente.” (TENÓRIO, 2009, p. 41).

Ademais, para reafirmar o caráter popular da revista, é possível identificar em suas charges e caricaturas, o constante apelo por trazer discussões de cunho político por meio de sátiras, cujo tom humorístico resultava não em críticas mais brandas, mas em conteúdos mais tênues e de fácil compreensão para o seu público-alvo (Figura 2). Por meio dessas imagens, *O Malho* trazia uma visão do Estado e de seus governantes, fornecia entretenimento e o riso para seus leitores e desempenhava um estimado papel pedagógico, ao se propor a educar e convidar ao debate político as camadas mais populares da sociedade, como afirmam Viscardi e Soares (2018, p. 7-8):

“Em contrapartida, a revista *O Malho* teve como propósito maior ser lida e adquirida pelos grupos populares, apresentando um forte viés político-combativo. Fundada por Luís Bartolomeu de Sousa e Silva, a publicação ilustrada semanal circulou no Distrito Federal entre os anos de 1902 e 1954, contando com os principais chargistas do país, que

contribuíram com suas sátiras políticas e com seu elevado padrão editorial e gráfico. O periódico possuía um caráter eminentemente político e humorístico, o qual se fazia presente tanto em suas crônicas como em suas imagens. Esforçava-se por desempenhar um papel político-pedagógico, tornando-se cada vez mais popular. Tal peculiaridade lhe rendeu um espaço importante entre os leitores”.

FIGURA 3 - Capa da revista O Malho, fevereiro de 1945, edição 0061



Fonte: Biblioteca Nacional Digital (2023b).

Adiante, para refletir acerca do potencial de fonte histórica da revista ilustrada *O Malho*, será necessário reconhecê-la, como elucidado por Tânia de Luca, enquanto um agente dual que, ao mesmo tempo que se comporta como fonte, também atua como sujeito. Portanto, faz-se imprescindível sistematizar, reunir e refletir acerca do fazer jornalístico do periódico e debater a respeito da circulação de suas informações, como o público alvo, a longevidade e a saída da mesma. Ademais, diante dos avanços tecnológicos que começaram a manifestar-se na primeira metade do século XX, tais como a modernização das indústrias, com a nova divisão do trabalho, que proporcionou uma maior dinâmica no momento de produção de periódicos, o advento de novos meios de transporte, que permitiam um maior escoamento das produções e o fato das revistas ilustradas serem uma das principais instâncias no âmbito da produção cultural, é também, importante, visualizar a revista enquanto um negócio inserido na lógica mercadológica capitalista.

Sendo assim, destacado o aspecto comercial dos periódicos, além de reconhecer as charges, caricaturas, fotografias e demais aspectos gráficos enquanto meio para se cativar o público alvo, é imperativo caracterizar a estrutura das revistas ilustradas dentro de seus aspectos comerciais, ou seja, o de propagar informações que fossem rentáveis dentro da perspectiva capitalista, fato que versava diretamente com o gosto do público, e com o que de fato seria absorvido e consumido pelo mesmo. Tal argumento nos aproxima da visão política da sociedade nesse momento, uma vez que os periódicos, para caírem no gosto popular, e conseguirem vender-se diante do sentido mercadológico capitalista, precisavam ser congruentes com a visão comum.

“As inovações não se limitaram às mudanças na estrutura de produção, organização, direção e financiamento, mas atingiram também o conteúdo dos jornais e sua ordenação interna, que começou a exigir gama variada de competências, fruto da divisão do trabalho e da especialização. Esta, por sua vez, não se circunscreveu à composição e a impressão propriamente ditas, mas atingiu a própria fatura do conteúdo, que passou a contar com redatores, articulistas, críticos, repórteres, revisores, desenhistas, fotógrafos, além de empregados administrativos e de operários encarregados de dar materialidade aos textos. (...) Sem abandonar a luta política, os diários incorporaram outros gêneros, como notas, reportagens, entrevistas, crônicas e, ao lado da produção ficcional, que só lentamente perdeu espaço nos grandes matutinos, compareciam os inquéritos literários” (LUCA; MARTINS, 2008, p. 151).

Para explorar e delimitar o espaço tempo da pesquisa, concentrado nas edições de 1945 da revista *O Malho*, faz-se necessário discutir acerca das suspensões e censuras das quais a imprensa brasileira foi alvo na primeira metade do século XX. A chegada de Getúlio Vargas no poder em 1930, originou movimentações cujos objetivos seriam o de coagir as publicações da grande imprensa, uma vez que, assim como já destacado anteriormente, tais veículos de informação se caracterizam como importantes agentes na formação e propagação de ideologias. Ao longo do governo provisório, iniciativas como a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda em 1939, o DIP, foram responsáveis tanto pela disseminação de ideologias condizentes com o pensamento varguista como por controlar as informações veiculadas pelos meios de comunicação da época.

De acordo com Tânia Regina de Luca e Ana Luiza Martins as instabilidades e oposições sofridas pelo governo provisório, foram os fatores responsáveis por originar os sistemas de

censura ao longo da Era Vargas. Diante disso, a revista *O Malho*, veiculada na primeira metade do século XX, presenciou as revisões e o cerceamento dos órgãos de controle do Governo Provisório⁹ ao Estado Novo varguista.

“Entretanto, o relacionamento amistoso entre a grande imprensa e governo provisório não durou muito. A instabilidade dos momentos iniciais foi um dos argumentos mobilizados para justificar o cerceamento da liberdade de expressão tanto nos jornais e revistas, que se constituíam nos veículos privilegiados para formação de opinião, quanto em outros meios de difusão da informação disponíveis na época – cinema e especialmente o rádio, que se expandiu exatamente nas décadas de 1930 e 1940 e cuja importância num país de dimensões continentais e com altas taxas de analfabetismo não passou despercebida ao regime.” (LUCA; MARTINS, 2008, p. 161).

Todavia, o recorte temporal que se pretende analisar da revista *O Malho*, delinea-se ao longo do final do Estado Novo, o que implica de acordo com Tânia de Luca, em novas perspectivas para os jornais e revistas brasileiros no que tange à difusão de pensamentos políticos e maior liberdade de expressão. Diante disso, as edições de janeiro a dezembro de 1945 da revista que serão analisadas, situam-se em um período de menor atuação dos elementos coercitivos e de censura do Estado Novo, não mais sendo necessária a defesa e a vanglória do governo varguista.

Ademais, ao se avaliar a conjuntura da Segunda Guerra Mundial, serão destacados os posicionamentos políticos das duas frentes combatentes, o Eixo, representado pelas ideologias nazifascistas das potências Alemanha, Itália e Japão, e os Aliados, evidenciados pelos ideais liberais, democráticos e capitalistas dos Estados franceses, britânicos e estadunidenses e, mais tarde, com a participação da força socialista do período, a União Soviética. Diante de tal cenário, as perspectivas varguistas de atuação tais como a forte atuação do Estado no controle dos meios de comunicação, e as características nacionalistas de seu governo, que serão explicitadas e analisadas ao longo do corpo deste trabalho, entram em conflito com a atuação do governo brasileiro na Segunda Grande Guerra, uma vez que o Estado brasileiro confere apoio às nações Aliadas.

“Não resta dúvida que, no esforço de construir uma imagem positiva de Getúlio Vargas e do regime, abusos de toda sorte conviveram com bem-urdidadas tentativas de persuasão. Ainda que se possa questionar a

⁹ Após as movimentações de 1930, Getúlio Vargas chega ao poder em 1930 implementando um governo provisório que se estende até 1934.

capacidade do governo de silenciar completamente a imprensa, houve um esforço deliberado e, em larga medida bem-sucedido, de sufocar a oposição. O quadro alterou-se significativamente a partir de 1942, quando a batalha no interior do círculo governista foi ganha pelos defensores dos Aliados, o que implicou mudanças significativas, como exemplifica a saída de Lourival Fontes do DIP. A contradição entre a luta a favor da democracia nos campos de batalha e as restrições à liberdade no âmbito interno não poderia persistir indefinidamente. E a imprensa tomou parte ativa no desgaste que acabou levando à deposição de Getúlio Vargas em 1945.” (LUCA; MARTINS, 2008, p. 173).

Em suma, é conveniente afirmar que nos anos finais da Segunda Guerra, especificamente o ano de 1945 o qual será o tempo e espaço foco da presente pesquisa, a coerção da imprensa exercida ao longo dos governos varguistas se estabelecem de maneira tênue, fazendo com que a imprensa do período em foco, pudesse desfrutar de uma maior liberdade no âmbito das críticas publicadas em suas páginas. Diante disso, é possível pensar na circulação das edições de 1945 da revista *O Malho* em uma atmosfera na qual as estruturas responsáveis pela censura, se viam abaladas internamente por conta de inconstâncias e contradições oriundas da conjuntura política mundial.

Sucessivamente, ao interpretar a imprensa concomitantemente enquanto fonte e sujeito histórico, é imprescindível reconhecer sua força política, diante disso, é necessário ressaltar suas particularidades no que tange aos processos desempenhados a fim de atrair o público alvo. A autora Maria Helena Rolim Capelato, destaca os dois principais pontos no plano da atuação dos periódicos que legitimam tal busca por um maior número de leitores, são eles a busca por lucro, fato que no sistema capitalista concede não só longevidade como a própria existência da revista, ou por razões políticas, neste plano, a busca por um público alvo mais numeroso implica diretamente na maior propagação dos ideais defendidos pela revista.

Dentre as lacunas de atuação dos periódicos que visam a conquista de seus leitores, destacam-se de acordo com Capelato, a diagramação das revistas, a escolha da linguagem e de vocábulos comuns ao do grupo social com o qual pretende-se dialogar, elementos de efeito e instigação, como caricaturas, símbolos e cores que remetem ao assunto abordado, e títulos convincentes e impactantes cujo objetivo é o de cativar rapidamente a atenção dos interlocutores. Diante deste conjunto de movimentações que estruturam o conteúdo das revistas ilustradas, é exequível a compreensão de determinados aspectos da época em que as mesmas foram publicadas. Capelato (1988, p. 20) saliente que:

“A imprensa oferece amplas possibilidades para isso. A vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender como viveram nossos antepassados, não só os “ilustres”, mas também os sujeitos anônimos”

Ao se adotar a revista *O Malho* e suas constatações por meio de caricaturas, charges e textos, pretende-se abstrair e congregar as perspectivas acerca do final da Segunda Guerra Mundial, veiculadas nas páginas do periódico, que podem ter contribuído para a formulação do imaginário popular acerca do encerramento do conflito, como advertência, aqueles atores que seriam os vencedores em detrimento dos que seriam os verdadeiros vilões da guerra, assim como qual ideologia política representava o “bem” e qual seria a ideologia responsável pela miséria e pelo desdobramento do sangrento duelo.

Ademais, verifica-se como interesse inerente aos organizadores da revista *O Malho* fazer referência ao povo¹⁰, com o intuito de atrair a atenção dessa parcela da população para determinados comportamentos perante os acontecimentos de sua época:

“E à margem de todo o processo, o povo, que também fazia questão de demonstrar a sua lealdade aos líderes citados, era representado pelo personagem “Zé Povo”. O Zé Povinho português, de autoria de Rafael Bordalo Pinheiro, esteve presente em várias revistas brasileiras, com o nome de “Zé Povo”, entre elas *O Malho*. Marco Antônio Silva o trata como um símbolo a refletir o comportamento do povo brasileiro em relação à política: apático, descrente e decepcionado. “(VISCARDI; SOARES, 2018, p. 12).

Como indicado pelas historiadoras Cláudia Maria Ribeiro Viscardi e Livia Freitas Pinto Silva, *O Malho* se atribuiu em determinados momentos do personagem “Zé Povo”, para se aproximar e cativar seus interlocutores, além de convidá-los para uma reflexão em relação a determinadas condutas dessa parcela da população frente aos acontecimentos retratados no periódico. Todavia, assim como advertido por Maria Helena Capelato, é de suma importância abstrair quem se refere com o emprego do termo “povo”, para não promover a ocultação de divergentes posicionamentos de um grupo social, ao aglutiná-lo em um vocábulo. Sendo assim, como já mencionado anteriormente a investigação em relação ao público alvo de *O Malho*, é possível inferir que o personagem “Zé povo” que a revista recorre em algumas passagens, refere-se a camada menos abastada e erudita da sociedade brasileira, entretanto, faz-se

¹⁰ “O conceito de povo é vago, indefinido e muito abrangente. Pode ser entendido como o conjunto da população de um país, governados, multidão, classes menos favorecidas etc. Em qualquer desses sentidos é possível contestar o objetivo apregoado pelos representantes da imprensa de que ela expressa a vontade do povo; na sociedade há múltiplas vontades e interesses. As contradições aí existentes geram conflitos que a ideia de povo oculta porque sugere unidade” (CAPELATO, 1988, p. 71).

necessário destacar que mesmo essa camada social, não obtém um objetivo único, ou seja, possui diferentes grupos, ideologias e interesses.

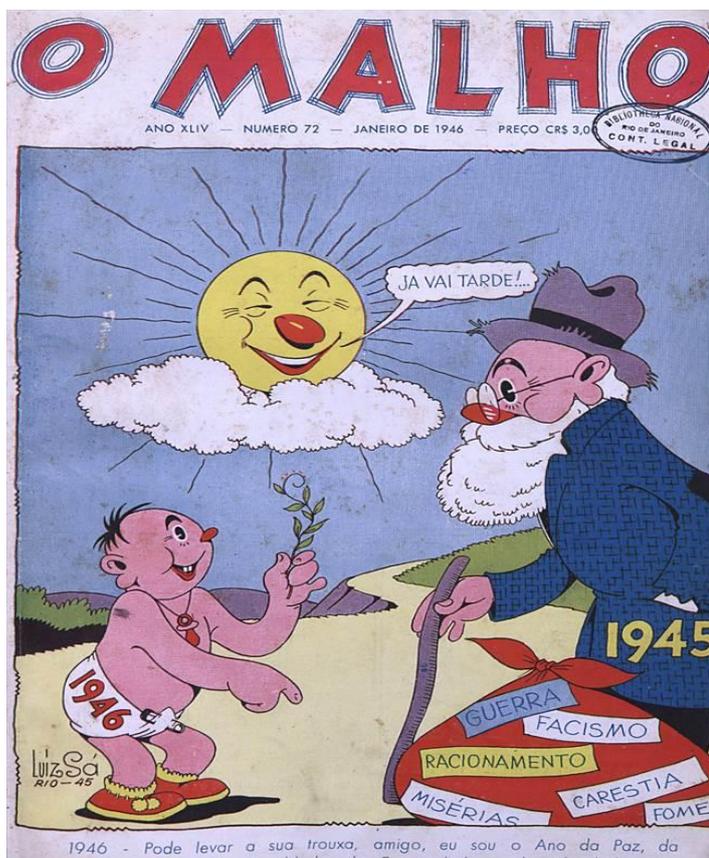
Em suma, ao se analisar determinado periódico, é necessária a reflexão ao redor do papel da imprensa enquanto agente que escreve sobre seu tempo e também como um ator que contribui para o delinear dos acontecimentos e por consequência, para a divulgação de determinadas ideologias. Entretanto, é de substancial importância, ao se analisar determinada fonte, que sejam adotados métodos e aparatos teóricos que auxiliem na compreensão das condições em que o documento foi produzido, e que decifrem as relações e formas de poder que constituem o que é noticiado e apresentado nas páginas das revistas. Portanto, é crucial conceber a imprensa não como uma fonte totalmente isenta de subjetividades e fidedigna aos fatos reais, e sim, enquanto uma produção sustentada por algum interesse e objetivo. Para Capelato (1988, p. 22), “Na construção do fato jornalístico interferem não apenas elementos subjetivos de quem o produz, mas também os interesses aos quais o jornal está vinculado”.

CAPÍTULO 3

Por dentro da revista *O Malho*: analisando e interpretando as imagens do periódico

Historicizar imagens e ilustrações veiculadas no periódico *O Malho* torna possível um debate acerca da manipulação do imaginário da população, afinal, é de grande interesse da imprensa exercer domínio em relação a opinião de seus interlocutores, sejam por razões mercadológicas, ou seja, viabilizar a venda de determinada revista, ou por razões políticas, cujo objetivo é o de tornar popular certos pensamentos. Mediante o manuseio dos meios de comunicação, por exemplo os periódicos, é possível exercer influência sobre a opinião pública, orientar visões e conquistar seguidores. Assim sendo, as imagens são de extremo valor, pois moldam através de símbolos carregados de significados, uma interpretação específica acerca de determinada movimentação, e transmite para quem as contempla, a concepção daqueles que as produzem.

FIGURA 4 - Capa da revista *O Malho*, janeiro de 1946, edição 0072



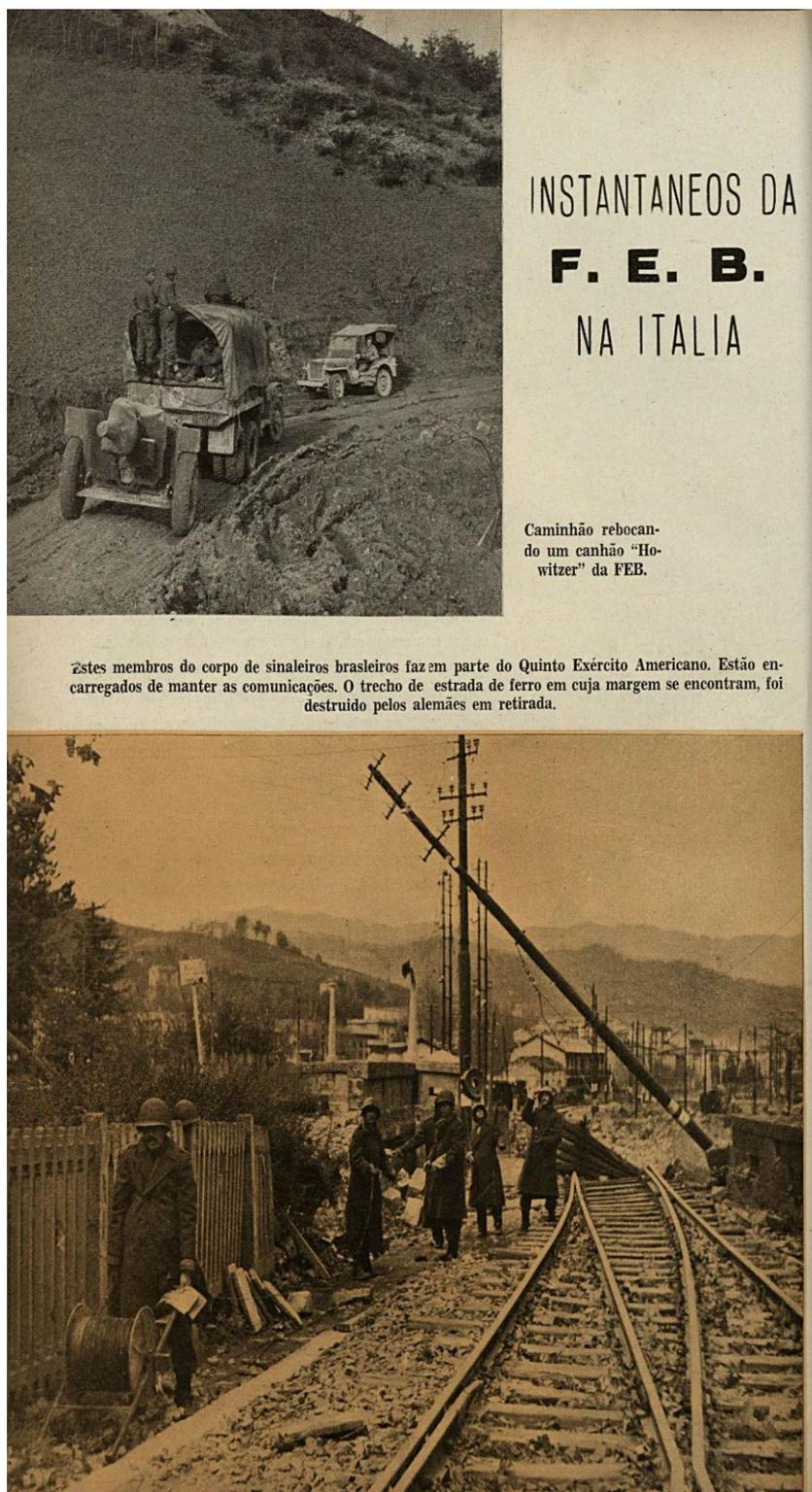
Fonte: Biblioteca Nacional Digital (2023d).

Ao observar a Figura 4, que ilustrou a capa de *o Malho* em janeiro de 1946, é possível observar a amistosa figura de uma criança que aponta para a trouxa¹¹ de um idoso. A criança simboliza o ano de 1946, suas vestes, uma fralda de pano e uma chupeta no pescoço, possuem a conotação de jovialidade, novo, portanto, a figura objetiva exprimir um novo e próspero capítulo na história da humanidade. Ademais, na descrição da ilustração, o ano de 1946 se autodenomina como o ano da paz, que ao dialogar com o ano de 1945, solicita que esse leve sua trouxa. A figura que representa o ano de 1945 é a de um senhor de idade, de barba e cabelos brancos, óculos de grau e bengala, a ilustração carrega consigo uma trouxa, nela é possível ler os termos “guerra”, “fascismo”, “acionamento”, “misérias”, “carestia” e “fome. Ao fundo da imagem, observa-se a personificação de um sol, sorridente, o astro diz “já vai tarde!...”, o que implica que ano de 1945 não é bem visto por aquele que contempla a interação entre os dois personagens.

A gravura produzida por Luiz Sá, retrata a passagem de 1945 para 1946, simbolizando que o conturbado ano de 1945, marco do fim da Segunda Guerra Mundial, carrega consigo o fardo de ter sido um ano em que a ideologia fascista e suas mazelas estiveram presentes e ditaram os momentos de maiores tensões da época. Diante de tal ilustração veiculada no periódico, é possível inferir que os responsáveis pela confecção e produção de *O Malho* não possuíam feição aos movimentos de extrema direita, os viam como algo pejorativo assim como a fome, a miséria e a guerra, que deviam ser deixados para trás juntamente com o fim de 1945, concedendo espaço para que a paz pudesse prosperar no ano seguinte. Diante disso, é relevante destacar que a revista objetiva enaltecer para seus leitores as moléstias da guerra, e ressaltar que a ideologia fascista foi um dos vetores responsáveis pela eclosão do conflito, consequentemente, deveria ser “levado embora”, com o encerramento do ano de 1945.

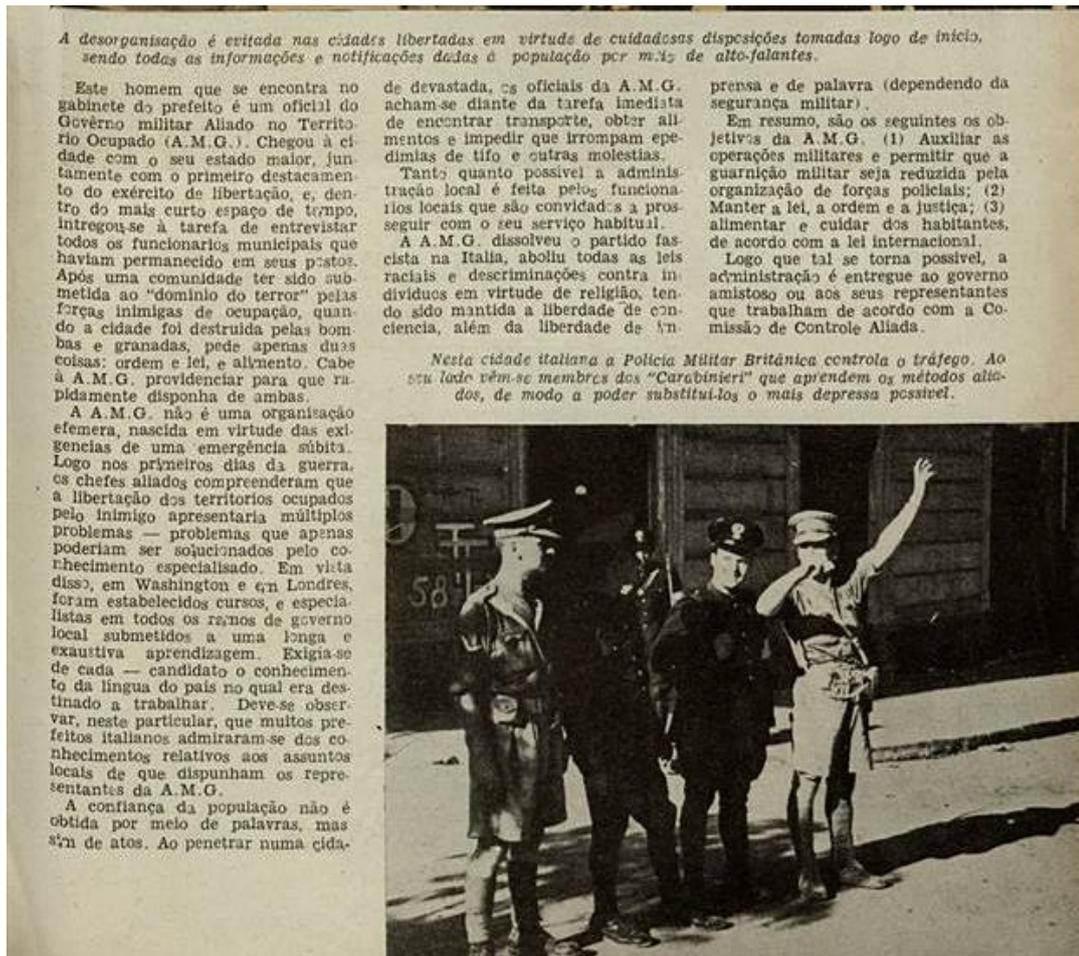
¹¹ trouxa: embrulho ou volume geralmente feito de pano.

FIGURA 5 - Instantâneos da F.E.B. na Itália



Fonte: Biblioteca Nacional Digital (2023e).

FIGURA 6 - Polícia militar britânica e membros dos “Carabinieri”



Fonte: Biblioteca Nacional Digital (2023f).

Na edição de fevereiro de 1945, observam-se diversas passagens da revista ilustrada destinadas a abordar o cenário da guerra. Desde imagens que exibiam a atuação da Força Expedicionária Brasileira¹² no fronte da guerra na Itália, até textos que objetivavam explicitar as movimentações do conflito para os leitores, foram utilizados como recurso informativo pelo *O Malho*. Nas passagens do texto é possível visualizar que a revista denomina o exército dos Aliados como o “exército da libertação”, portanto, o grupo militar composto pelos países de ideais democráticos e liberais, tais como a Inglaterra a França e os Estados Unidos da América, são representados nas páginas do periódico enquanto aqueles responsáveis por trazer a liberdade para o globo, no momento em que se opunham aos avanços dos impérios nazifascistas.

¹² Força Expedicionária Brasileira (FEB), fundada em 1943 a FEB foi o contingente militar aeronáutico brasileiro responsável por atuar ao lado dos Aliados na Segunda Guerra Mundial até o final do conflito em 1945.

A representação do conflito através da revista fornece meios para que sejam absorvidos os posicionamentos políticos da mesma. Ao retratar o exército aliado enquanto o responsável pela libertação dos territórios ocupados pelos exércitos italianos e alemães, as perspectivas da revista transparecem opor-se às ideologias nazifascistas. Tal fator é de suma importância ao se contextualizar a publicação do periódico carioca no âmbito do Estado Novo, uma vez que, como já apontado, o governo de Getúlio Vargas contemporâneo a Segunda Guerra Mundial possui nuances nacionalistas, seu governo fez o uso da censura, persuasão e coerção de forma autoritária para lidar com os seus opositores.

“Os anos 1930 foram, portanto, uma década crucial para o Terceiro Mundo, não tanto porque a Depressão levou à radicalização, mas antes porque estabeleceu contato entre as minorias politizadas e a gente comum de seus países. (...) Começavam a surgir, claramente ou não, as tendências gerais da política de massa do futuro: populismo latino-americano baseado em líderes autoritários buscando o apoio dos trabalhadores urbanos; mobilizações políticas por líderes sindicais que teriam futuro como líderes partidários, (...)” (HOBSBAWM, 1994, p. 170).

Todavia, ao longo do ano de 1945, os departamentos responsáveis pelo controle da informação como o DIP, encontram-se em decadência devido a posicionamentos controversos na atuação política do governo e sua declaração de apoio às nações democráticas na guerra, tal fato viabilizou uma maior flexibilidade da imprensa em relação às suas publicações no que tange a críticas e reflexões não apenas sobre contexto nacional como também em relação à conjuntura global.

FIGURA 7 - As atrocidades do nazismo na Europa



Fonte: Biblioteca Nacional Digital (2023g).

FIGURA 8 - O começo do fim...



Fonte: Biblioteca Nacional Digital (2023h).

Ao apropriar-se de *O Malho* enquanto um meio ímpar na construção do imaginário popular acerca do desfecho da Segunda Guerra Mundial, dada a grande circulação do periódico e sua estratégia de utilizar elementos responsáveis por cativar a atenção do público alvo como ilustrações, caricaturas e títulos chamativos, é relevante refletir acerca das imagens que compunham as páginas dedicadas a retratar a guerra, com o intuito de compreender a narrativa que os responsáveis pela revista desejam legitimar.

Diante disso, as ilustrações exibidas na página 18 da edição 0064 do ano de 1945, produzidas pelo cartunista James Reidford para o periódico *The Montreal Daily Star*¹³ e pelo também cartunista George Whitelaw para o *Daily Herald*¹⁴, retratam o desfecho do conflito através de interessantes meios. A primeira imagem da página, apresenta uma mão cujos dedos exercem a função de fechar o livro *Mein Kampf*,¹⁵ símbolo da ideologia nazista de Adolf Hitler. Ademais, na ilustração é possível identificar que cada dedo da mão representa um país que atuou na guerra contra o imperialismo alemão, sendo assim, ingleses, canadenses, americanos

¹³ *The Montreal Daily Star*, jornal americano

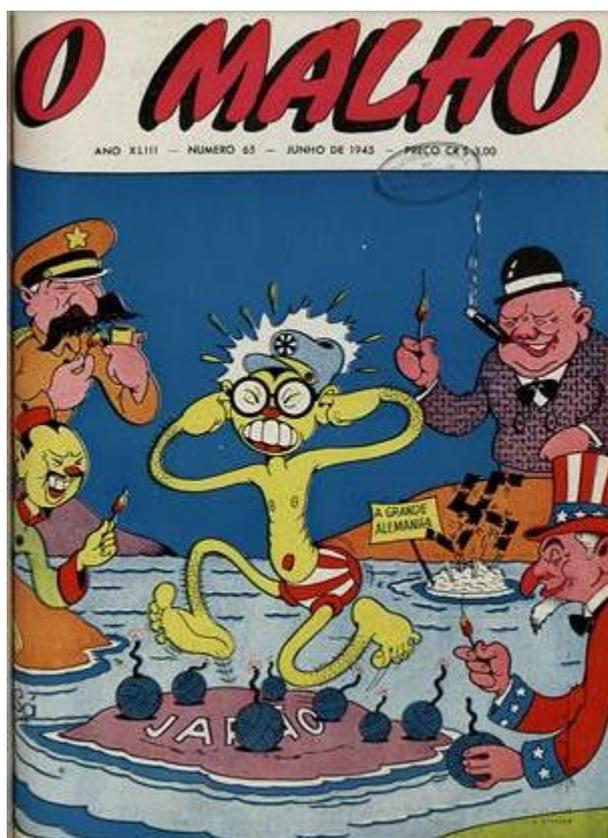
¹⁴ *Daily Herald*, jornal britânico

¹⁵ *Mein Kampf*, livro escrito por Adolf Hitler para divulgar sua trajetória e ideologia política.

e franceses de um lado, estabelecem uma parceria com os russos, identificados como o polegar da mão, para “fechar o livro” do nazismo e encerrar a guerra. Tal ilustração enaltece que países capitalistas democráticos e liberais, aliaram-se à potência socialista soviética com o intuito de frear os avanços de um inimigo em comum.

A segunda ilustração da página 18 do periódico retrata uma grande navalha que corta um fio no qual se seguram duas figuras trajadas com uniformes militares frequentemente utilizados pelos chefes de Estado Benito Mussolini e Adolf Hitler. Ao analisar a imagem é possível inferir que, uma das grandes protagonistas em conter os avanços nazifascistas foi a URSS, representada através dos símbolos de uma foice e de um martelo, como a navalha que corta o fio em que se seguram as duas personas que caracterizam os ditadores italiano e alemão. Tal ilustração convida os leitores do periódico a identificar a União Soviética como uma nação amistosa, portanto, aliada, uma vez que conteve os horrores da guerra provocados pelos países do Eixo.

FIGURA 9 - Capa da revista O Malho, junho de 1945, edição 0065



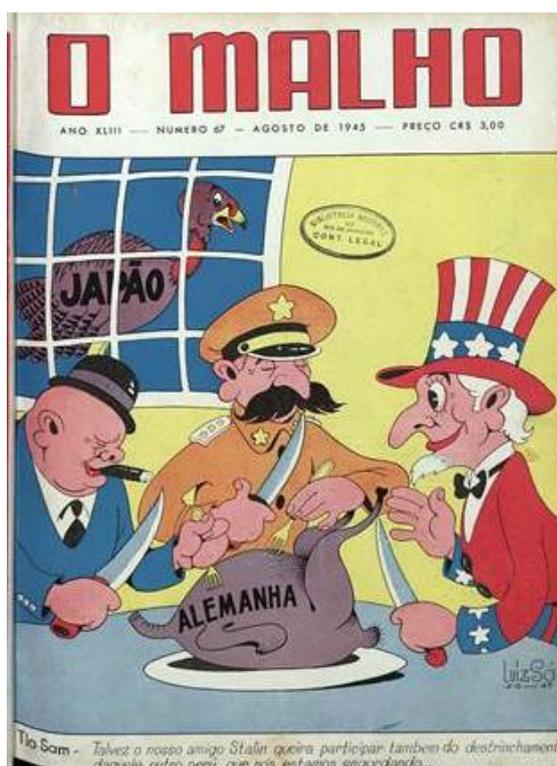
Fonte: Biblioteca Nacional Digital (2023i).

FIGURA 10 - Capa da revista O Malho, julho de 1945, edição 0066



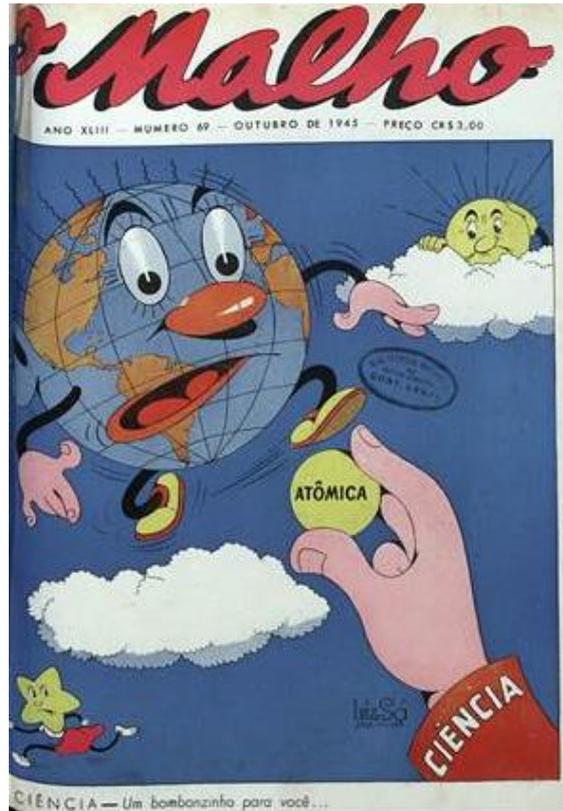
Fonte: Biblioteca Nacional Digital (2023).

FIGURA 11 - Capa da revista O Malho, agosto de 1945, edição 0067



Fonte: Biblioteca Nacional Digital (2023k).

FIGURA 12 - Capa da revista O Malho, outubro de 1945, edição 0069



Fonte: Biblioteca Nacional Digital (20231).

As imagens veiculadas nas capas de *O Malho*, como observado nas Figuras 9, 10, 11 e 12, retratam de forma entusiasmada e com cores vibrantes as suas perspectivas políticas acerca das movimentações dos países envolvidos no conflito. Ao observar a Figura 9, é possível identificar que a cor amarela foi utilizada para colorir a pele da personagem que representa o Japão, além disso, o indivíduo japonês se encontra com as feições atormentadas e tapando seus ouvidos, uma vez que ao seu redor, todas as outras nações ilustradas aparecem acendendo fósforos com o intuito de acender o pavio de bombas que se encontram em seu continente. Na ilustração é possível visualizar figuras que representam, Josef Stálin, retratado com seu característico bigode e nariz protuberante, além das vestes militares frequentemente utilizadas pelo antigo líder da União soviética, ademais, na imagem, Stálin é o único personagem que não aparece segurando o fósforo com o membro superior erguido, e sim, para acender o seu próprio charuto. Tal representação pode fazer alusão ao fato de a URSS não ter atacado diretamente o Japão no âmbito da segunda guerra, no entanto, ao analisar a caricatura é viável inferir que a nação foi conivente com os ataques, uma vez que era um dos países Aliados.

A nação norte-americana foi retratada pela figura do “Tio Sam”, a famosa ilustração de um homem branco de meia idade que utiliza vestes completamente estampadas pela bandeira

dos Estados Unidos. A figura é caracterizada segurando uma bomba na mão esquerda, e um fósforo aceso na direita, indicando que a nação estadunidense, foi uma das nações que bombardearam ativamente o país japonês naquele momento do conflito. Ademais, visualiza-se mais duas figuras na caricatura, a figura que caracteriza Winston Churchill, apresenta as típicas vestes do estadista britânico, ademais, é possível observar que a personagem ergue em sua mão direita um fósforo aceso, e é retratada com expressões faciais de felicidade. Por fim, a figura que representa a nação chinesa, também carrega em sua mão um fósforo aceso, o projetando para frente rumo à nação japonesa onde encontram-se vários explosivos.

Em suma, como foi exequível constatar ao longo da análise de algumas das caricaturas e ilustrações propagadas pelo periódico, é possível afirmar que a revista do jornalista Luís Bartolomeu se ocupa em trazer em suas páginas críticas, sátiras e informações repletas de conotações políticas e analogias, com o uso de uma linguagem de fácil compreensão destinada as classes mais populares da sociedade e por meio de ilustrações coloridas, amistosas, que carregavam símbolos por meio dos quais era praticável a compreensão do contexto que se era retratado, por exemplo a suástica para definir os nazistas, o grande bigode e a farda bege para representar o líder soviético Josef Stálin, o uso da figura norte-americana Tio Sam. Portanto, tais formas ímpares de retratar o desfecho da segunda grande guerra ao longo do ano de 1945, em uma revista admirada e amplamente consumida pela sociedade daquela época, foram responsáveis por difundir perspectivas políticas como o antifascismo, para a população que consumia a revista, contribuindo assim, para a construção do imaginário popular acerca do desfecho do conflito.

Considerações Finais

A imprensa elucida a sua força política por meio de elementos de persuasão. Conforme foi observado no periódico *O Malho*, as ilustrações chamativas e coloridas das capas que dividiam espaço com sátiras e críticas dirigidas a retratar os contratempos do cotidiano, foram responsáveis por difundir as ideologias dos proprietários da revista. Diante disso, é possível ressaltar que as produções midiáticas possuem em si objetivos pré-estabelecidos ao serem publicadas. Logo, ao observar a cultura política dos fundadores do periódico, dentre eles o jornalista Luís Bartolomeu, foi possível elucidar as ideologias políticas de *O Malho* por trás de sua publicação. Outrossim, o engajamento crítico, forjado em um contexto de grande insatisfação e desilusão com a recém proclamada república, demonstrou ao longo do estudo os anseios da revista em tornar popular as movimentações, a barbárie nazista, e as batalhas que resultaram no fim da Segunda Guerra Mundial.

Em suma, foi possível sistematizar, reunir e organizar determinadas ilustrações do periódico que tornaram viável a demonstração da formação da opinião pública acerca do conflito, com base nas ilustrações que narraram o conflito em uma revista de grande longevidade e popularidade, culminando na constituição do imaginário popular sobre guerra de acordo com a concepção de *O Malho*.

Adiante, foi possível concluir que as suspensões e censuras que foram características inerentes ao Estado Novo varguista, não foram significativas no período analisado ao longo deste estudo, ou seja, o ano de 1945 e o primeiro mês de 1946. Logo, é exequível afirmar que o cerceamento da liberdade de expressão não foi significativo no período analisado, uma vez que, o DIP e demais órgãos estatais responsáveis pela regulamentação e controle da imprensa, encontravam-se enfraquecidos devido às contradições ideológicas internas entre o governo e sua declaração de apoio às nações liberais na Segunda Guerra Mundial.

Ademais, as representações de uma época através da imprensa, em uma sociedade capitalista, estão sujeitas a lógica do capital. Sendo assim, os modismos, projetos de nação e estratégias políticas propagadas pelos periódicos, por formarem a opinião pública ao permearem o gosto do público alvo e se tornarem estimados, dizem respeito a conjuntura política e econômica na qual o país está envolto, e nas movimentações e influências internacionais das grandes potências do tempo.

Por fim, foi confrontado ao longo do presente trabalho, o paradoxal Estado Novo de Getúlio Vargas, uma vez que, seu governo intervencionista, autoritário e controlador, atuou na

Segunda Guerra ao lado das potências liberais, e da socialista União Soviética. Ademais, foi salientado ao longo do estudo os motivos que levaram a atuação brasileira ao lado dos aliados, uma vez que, sendo o Brasil um importante parceiro comercial para os EUA, os norte-americanos ocuparam-se de desenvolver estratégias para cativar e garantir a parceria entre essas nações. A sedutora estética nazifascista aclamada no sul do Brasil, confrontavam os planos econômicos da grande potência capitalista, dessa forma, projetos políticos e produções culturais norte-americanas, foram responsáveis por educar as outras américas e aproximar os vizinhos latinos do modelo estadunidense, cujo intuito era o de afastar os paradigmas do nazifascismo que poderiam colocar em xeque a sua supremacia.

Em suma, analisar as representações imagéticas da revista *O Malho* permitiu averiguar modismos americanos, frutos da estratégia política americana destinada a encantar o público brasileiro, além de constatar a amistosa representação da URSS no âmbito do desfecho do conflito, onde a nação socialista, foi retratada por meio de caricaturas e textos como uma nação imponente e capaz de frear os terríveis avanços do nazifascismo. Sendo assim, conclui-se que o periódico em questão se preocupou em retratar as mazelas da guerra, como as barbáries nazistas e o uso de armas nucleares no Japão, ademais, contribuiu para delinear o que viria a ser a lembrança popular acerca da Segunda Guerra Mundial, por meio de cordiais ilustrações de importantes personagens envolvidos no conflito.

Por fim, o presente trabalho contribui socialmente para pesquisas futuras que desejem utilizar o periódico *O Malho* como fonte histórica, e sobre a construção do imaginário popular mediante os usos políticos das revistas ilustradas no século XX. No que tange à trabalhos futuros, a análise de outras revistas contemporâneas à *O Malho* pode viabilizar um estudo mais amplo e profundo sobre a relação presente entre os periódicos e a propagação de perspectivas políticas cujo intuito seja o de moldar a opinião pública acerca de um determinado tópico.

FONTES

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Ano 1945\Edição 0064**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=116300&pagfis=97352>. Acesso em: 10 jan. 2023a.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Ano 1945\Edição 0061**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=116300&pagfis=97146>. Acesso em: 10 jan. 2023b.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Ano 1945\Edição 0061**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=116300&pagfis=97198>. Acesso em: 10 jan. 2023c.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Ano 1946\Edição 0072**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=116300&pagfis=97912>. Acesso em: 10 jan. 2023d.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Ano 1945\Edição 0061**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=116300&pagfis=97157>. Acesso em: 10 jan. 2023e.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Ano 1945\Edição 0061**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=116300&pagfis=97162>. Acesso em: 10 jan. 2023f.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Ano 1945\Edição 0065**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=116300&pagfis=97445>. Acesso em: 10 jan. 2023g.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Ano 1945\Edição 0064**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=116300&pagfis=97369>. Acesso em: 10 jan. 2023h.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Ano 1945\Edição 0065**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=116300&pagfis=97418>. Acesso em: 10 jan. 2023i.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Ano 1945\Edição 0066**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=116300&pagfis=97488>. Acesso em: 10 jan. 2023j.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Ano 1945\Edição 0067**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=116300&pagfis=97568>. Acesso em: 10 jan. 2023k.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Ano 1945\Edição 0069**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=116300&pagfis=97710>. Acesso em: 10 jan. 2023l.

BIBLIOGRAFIA

BEAUFRE, André. Disuasión y estrategia. In: **Colección Estudios internacionales, Instituto de Estudios Políticos (Madrid)**. Instituto de Estudios Políticos, 1966.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

DÂNGELO, Newton. “**Rádio e educação dos sentidos no Brasil: a atuação de Edgar Roquette-Pinto no âmbito da Rádio Sociedade e do Serviço de Radiodifusão Educativa – 1923-1940**”

DÂNGELO, Newton. **Rádio, música popular e revistas radiofônicas no Brasil: um estudo comparativo de “A Voz do Rádio” (1935) e “Revista do Rádio” (1948)** 2019.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). O tempo do liberalismo excluyente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. **Brasil Republicano**, v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

FRANCASTEL, Pierre. Nascimento de um espaço: mitos e geometria no Quattrocento. In: **Pintura e sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos – O breve século XX: 1914 - 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCA, Tânia Regina de. República Velha: temas, interpretações, abordagens. In: Silva, Fernando Teixeira da et al. (org.) **República, liberalismo, cidadania**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2003. A Revista do Brasil: um diagnóstico para a Nação. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

MOURÃO, Ronaldo Rogério Freitas. **Hiroshima e Nagasaki: razões para experimentar a nova arma**. São Paulo, 2005.

TENÓRIO, Guilherme Mendes. **Zé Povo cidadão: humor e política nas páginas de O Malho**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor - A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro; SOARES, Livia Freitas Pinto Silva. **Votos, Partidos e Eleições na Primeira República: a dinâmica política a partir das charges de O Malho**. São Paulo, 2018.